



ANA MARIA CAMPOS  
anacampos.df@dabr.com.br

Marcelo Ferreira/CB/DA Press



## Liderança

Pesquisa Paraná divulgada ontem mostra que a deputada federal Bia Kicis (PL-DF) pode crescer e ameaçar, mas por enquanto, as duas vagas para o Senado são da ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro (PL) e do governador Ibaneis Rocha (MDB). Michelle aparece com 42,8% das intenções de votos e Ibaneis, com 36,5%. Bia está com 18,3%.

### Na frente

A vice-governadora Celina Leão (PP) lidera todos os cenários pesquisados pela Paraná Pesquisas com 31,1% a 42,8%. O potencial de crescimento é grande porque 72% disseram que ainda não sabem em quem votar. Mas esse ingrediente vale também para a oposição.

Ed Alves/CB/DA.Press e Divulgação



Ed Alves/CB/DA.Press e Divulgação



### No páreo

O presidente do Iphan, Leandro Grass (PV), é o nome da oposição que aparece com melhor desempenho na pesquisa. Ele tem entre 8,4% e 9,8% da preferência. Com o recall da última eleição e o trabalho no Iphan, ele está no jogo para ser escolhido o nome que vai representar o campo progressista nas eleições de 2026.

### Sem plano B

E se Leandro Grass não conseguir viabilizar candidatura ao Buriti, o que vai disputar? Por enquanto, segundo ele, não tem plano B. Mas claro que isso será pensando se o projeto GDF nãoingar.

### Devoção e política

O último sábado, em Planaltina, foi de devoção, alegria e reunião de políticos. Ao longo do seu tradicional almoço aberto à comunidade, celebrando o Divino Espírito Santo, o secretário de Cultura e Economia Criativa, Claudio Abrantes, recebeu cerca de mil pessoas, incluindo muitos e expressivos nomes da política local. Estiveram presentes o governador Ibaneis Rocha; a vice-governadora Celina Leão; os secretários de Governo, José Humberto Pires; de Economia, Ney Ferraz; de Justiça e Cidadania, Marcela Passamani; de Segurança, Sandro Avelar; de Turismo, Cristiano Araújo; de Educação, Hélvia Paranaçu; do Meio Ambiente, Gutemberg Gomes; o senador Izalci Lucas (PL-DF); o deputado distrital Joaquim Roriz (PL); e o diretor do Biotic, Marcelo Piauí. Além dos representantes da cúpula do GDF, o evento também contou com diversas lideranças de Planaltina.

Reprodução/Redes Sociais



### Um "casamento sem divórcio"

Uma das presenças mais notadas do almoço de Claudio Abrantes foi a do desembargador do Tribunal de Contas do DF Márcio Michel. Ele já chegou falando que a relação dos dois é "um casamento sem divórcio", em alusão aos anos de amizade e parceria. Vale lembrar, por exemplo, que, em 2015, Abrantes era suplente na Câmara Legislativa e ficou com a vaga de Michel quando este se tornou membro do TCDF.

### Arraiá do Abrantes

Em clima de muita descontração, o evento teve início às 13h, e se estendeu até a noite. Claudio Abrantes aproveitou a oportunidade para anunciar mais uma edição da sua festa julina, o Arraiá do Abrantes. A data é 5 de julho. A programação está sendo definida, e os convites serão enviados e divulgados nas próximas semanas.

### Raízes e futuro

Em meio à tradicional Festa do Divino de Planaltina, a deputada distrital Paula Belmonte (Cidadania) visitou o ex-deputado Salviano Guimarães, primeiro presidente da Câmara Legislativa do DF. Entre lembranças da fundação de Planaltina e da força da fé popular, o gesto evidenciou o esforço da parlamentar em se conectar às raízes políticas e culturais da capital. "Aqui é uma cidade com história, com tradição e com uma devoção que atravessa gerações", disse a deputada, que também acompanhou o "encontro das bandeiras", no meio do povo, e visitou os locais onde são preparados os tradicionais almoços das folias. Para arrematar o encontro histórico, na quase centenária casa de Salviano e dona Maria Alice Guimarães, também estava lá Paulo Castelo Branco, presidente do Instituto Histórico e Geográfico do DF. Sem ter oficializada ainda a candidatura ao Palácio do Buriti, a deputada distrital segue ampliando presença nas bases e nas memórias, em um roteiro que tem toda a cara de pré-campanha.

Reprodução/Redes Sociais



Marcelo Ferreira/CB/DA Press



### Surpresa

Uma surpresa na pesquisa Paraná é o desempenho de Eduardo Pedrosa (União). Ele aparece com 3% a 6,7%. Não é pouco para um deputado distrital em primeiro mandato.

Acompanhe a cobertura da política local com @anacampos\_cb

## » Entrevista | JANE KLEBIA (MDB) | DEPUTADA DISTRITAL

Ao CB.Poder — parceria entre **Correio** e TV Brasília —, a presidente da Comissão de Defesa dos Direitos da Mulher da Câmara Legislativa falou sobre feminicídio e afirmou que a sociedade não pode mais continuar contando mulheres mortas

# "A violência é multifatorial"

» LEONARDO RODRIGUES\*

O cenário do crime de feminicídio no Distrito Federal foi abordado ontem no CB.Poder — parceria entre **Correio** e TV Brasília —, que teve como convidada a deputada distrital Jane Klebia, presidente da Comissão de Defesa dos Direitos da Mulher da Câmara Legislativa e do MDB Afro-DF. Aos jornalistas Jaqueline Fonseca e Carlos Alexandre de Souza, ela afirmou que não se pode continuar contando mulheres mortas, como tem sido feito mês a mês.

**Como a senhora avalia a questão do feminicídio, fenômeno que está cada vez mais presente na nossa sociedade?**

Nós não podemos continuar contando mulheres mortas. E nós temos feito isso mês a mês. Nós somos surpreendidos e essa surpresa não poderia acontecer. Normalmente, se faz esta pergunta: "então, o que é que a gente faz para cessar essa violência?". A violência é multifatorial. Eu digo que é uma coisa

quadrada, quando eu falo de violência doméstica, porque não é fácil você enquadrar a situação em cada caso. Algumas coisas em relação às mulheres, à vítima ou ao agressor, especialmente, são muito comuns. Em regra, as motivações do agressor são possessividade e o ciúme exacerbado. É uma cultura nossa, do machismo. Nós criamos como se fosse uma pirâmide, que no topo dela está o homem, suas regras e seu mando. Então, a mulher nasce para ser tutelada. Ainda hoje, em 2025, elas são tuteladas. Primeiro, pelo pai, pelo irmão. E, quando casa, sai da tutela deles e passa para a tutela do companheiro. Em algumas situações, são companheiro e filhos, como se ela tivesse de ser o tempo todo monitorada, vigiada. Tentou fugir disso, vem a agressão. E quando ela finalmente resolve sair, ele fala "não". Muitas vezes, vem a morte dessa mulher.

**Qual é a importância da Na Hora Mulher?**

Para mim, foi uma grande vitória. Eu propus essa lei, um local onde a mulher pudesse chegar e

Marcelo Ferreira/CB/DA Press



encontrar todos os serviços disponíveis para ela. Se ela quiser ir lá resolver o problema da questão da documentação dela, fazer o registro, inscrição nesses cadastros, nos mais diversos que ela tem direito de fazer, ela pode. Sai protegida e com tudo resolvido. Seria uma política pública que reunisse



Aponte a câmera do celular e assista à entrevista completa

todos esses serviços, tanto distritais quanto federais, num único local, para ela ter condições de enfrentar essa situação. Agora, a lei está vigente, nós estamos neste momento de regulamentação. Cabe agora ao poder público regulamentar essa lei, colocar exatamente onde vai ser o Na hora Mulher.

### E quanto aos Comitês de Proteção à Mulher?

Foi a minha primeira lei aprovada quando cheguei ao Legislativo. Eu via na delegacia muitas necessidades, e eu entendia que a mulher precisava de um local que a orientasse. Por exemplo, muitas mulheres fazem registro, boletim de ocorrência, e quando saem da delegacia, estão confusas. Pensam assim: "e agora, faço o quê da minha vida? Para onde eu posso caminhar? Eu tenho direito a um aluguel social, por exemplo?". Hoje, nós temos comitês instalados em Ceilândia, Estrutural, Sobradinho, Lago Norte, Itapoã e Águas Claras, que funcionam nas administrações. Lá, as pessoas vão dizer para a mulher exatamente onde buscar ajuda psicológica, buscar atendimento com o advogado ou uma casa-abrigo, por exemplo. A ideia é que nós tenhamos, em cada região administrativa, esse ponto de referência.

**As mulheres negras ainda sofrem mais violência. Existem políticas públicas**

### no sentido de atender especificamente a essas mulheres?

A mulher, no geral, é maioria numérica, mas é considerada minoria, quando nós falamos de direito, ocupação, espaço e poder. Eu consigo dizer que uma mulher preta é vulnerável, como as demais mulheres, mas carrega uma vulnerabilidade a mais, que é a invisibilização por conta da cor, que é a questão do racismo e do preconceito. Ela se torna ainda mais vulnerável. Hoje, quando você vai fazer uma estatística, por exemplo, em relação às mulheres que são mortas, as mulheres pretas são mortas em maior número do que as mulheres brancas. A mulher negra está menos empregada. A possibilidade de empregabilidade dela é menor, a quantidade de filhos é maior. Isso está associado a um fator, para mim, que é a pobreza. Precisamos combater também a questão de gênero e a do racismo, para que essa mulher que sofre violência, naturalmente, por ser mulher, pare de suportar esse tipo de coisa.

\*Estagiário sob a supervisão de Malcia Afonso